

Notas

III CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE GEOMORFOLOGIA

Lylian COLTRINARI¹

If there is one overriding conclusion to come from (...) all (...) the contributions it is that geomorphology is an universal discipline and a complicated one at that.

H. Jesse Walker, 1993

No período entre 23 e 29 de agosto de 1993 participei da III Conferência Internacional de Geomorfologia, organizada pela International Association of Geomorphologists e que teve lugar na McMaster University em Hamilton, Ontario, Canadá.

A sessão de abertura ocorreu no dia 24 no começo da manhã, e a seguir iniciaram-se as apresentações das comunicações científicas. Nesse dia houve sessões de comunicações técnicas. Os temas abordados foram: **Modelos e Modelização em Geomorfologia, Geomorfologia Fluvial, Escorregamentos e Movimentos de Massa, Erosão e Sedimentação de Solos, Experimentos de Campo e Métodos de Pesquisa, Geomorfologia e Sedimentos Costeiros, Catástrofes Natu-**

1 Prof^a do Departamento de Geografia - USP - São Paulo.

rais, **Geomorfologia Tectônica, Loess e Geomorfologia Eólica**. Houve também os simpósios que trataram de **Reservatórios de Sedimentos, Relevos pré-Glaciais e Streamlined Bedforms**, e uma sessão de posters sobre **Geomorfologia Glacial e Periglacial**.

Na quarta-feira, dia 25, teve lugar o 24^o Simpósio Binghamton, que reúne-se todos os anos na cidade de Binghamton (Estado de N. York) para analisar e discutir um tema de interesse fundamental para a Geomorfologia. As conferências são publicadas em volumes cujo conteúdo resume os temas e abordagens correntes do pensamento geomorfológico à época, e sua leitura permite acompanhar a evolução da disciplina na segunda metade deste século. Em 1993 a sede do simpósio foi instalada em Hamilton, em homenagem à primeira conferência da especialidade realizada na América do Norte. O tema desse ano, *Geomorfologia: a fronteira da pesquisa e além*, foi abordado por 10 cientistas que trataram das seguintes questões: **Geomorfologia extraterrestre: ciência e filosofia das paisagens planetárias semelhantes à da Terra**, por V. R. Baker; **Influência humana na Geomorfologia**, a cargo de A. Goudie; **Geomorfologia do Solo: dilemas atuais e desafios futuros**, por J. Gerrard; **Geomorfologia Periglacial no Século 21**(D. Barsch); **Geomorfologia Glacial: processos de modelado e formas** (J. M. Harbor); **Movimentos de Massa: a fronteira da pesquisa e além: uma abordagem geomorfológica** (D. Brunsten); **A Geomorfologia Diferenciada dos Trópicos** (A. Gupta); **A fronteira da pesquisa e além: os terrenos graníticos** (C. R. Twidale); **Geomorfologia Costeira através do espelho** (D. J. Sherman & B. O. Bauer), e **Geomorfologia Fluvial: e agora, para onde vamos?** (D. Smith). Por coincidir com a apresentação de poster na sessão **Intemperismo, solos, vertentes e escorregamentos**, conseguimos assistir apenas as apresentações de Gupta e Twidale, que abordaram problemas especificamente relacionados com as paisagens tropicais.

As sessões técnicas desse dia trataram dos temas **Geomorfologia Periglacial, Impactos humanos e conservação, Geologia Tectônica, Piemontes, vertentes e solos, Controle e estrutura da rocha, Dunas e Geomorfologia Eólica, Mudança ambiental, e Geomorfologia**

Fluvial. As sessões de posters foram duas: **Rios e Geomorfologia Fluvial e Intemperismo, solos, vertentes e escorregamentos.**

O poster apresentado em co-autoria com Heloísa F. Filizola, *Soil evolution processes and landforms genesis in São José dos Campos Plateau, São Paulo (Brazil)*, foi analisado com bastante interesse por diversos especialistas em geomorfologia tropical, por apresentar um modelo alternativo de evolução da paisagem brasileira baseado na teoria da etchplanação proposta por Wayland em 1934, e retomada por Budel. Esse modelo foi aplicado na África por Thomas e outros pesquisadores, como Hanna Bremer, discípula e sucessora de Budel, e outros pesquisadores europeus e africanos, sem esquecer das pesquisas de Aleva em Rondônia. A boa acolhida do trabalho é importante, já que o aval recebido num foro internacional de especialistas nos incentiva a prosseguir no caminho já iniciado.

Na quinta-feira, dia 26, os simpósios foram dedicadas aos seguintes temas: **Travertinos, Geomorfologia da região dos Grandes Lagos, Respostas geomórficas a mudanças climáticas menores, Geomorfologia Tectônica e Paleointemperismo**, a cujas apresentações assistimos. A única sessão técnica desse dia foi dedicada à Geomorfologia Fluvial. Na parte da tarde foi realizada excursão até a península e garganta de Niagara. Foi, a nosso ver, uma feliz combinação de turismo e pesquisa já que a formalidade da reunião foi deixada de lado em favor de um passeio muito bem organizado; por outro lado, o livro-guia de Tinkler - pesquisador conhecido por seu interesse na história e evolução da geomorfologia - é um documento valioso para os interessados na zona das cataratas.

Na sexta-feira, 27 de agosto, tiveram lugar os simpósios sobre **Escorregamentos europeus, Dunas costeiras, Geomorfologia Fluvial e vegetação, Implicações das mudanças climáticas globais, Geomorfometria, Geomorfologia real, Erosão e desertificação no Mediterrâneo e Respostas geomórficas à elevação do nível do mar, Karst-Geomorfologia de cavernas, Glaciação e Geomorfologia Glacial, Intemperismo, Geomorfologia Fluvial e Karst-Presente & fu-**

Lylian Coltrinari

turo. As sessões técnicas discutiram **Geomorfologia costeira, kárstica e eólica e Paleoclimas, tectônica e vulcanismo.**

No último dia, sábado 28, reuniram-se as sessões relativas a **Sensoriamento Remoto & GIS, Karst-Evolução, Glaciação e Geomorfologia Glacial, Geomorfologia Fluvial e Geomorfologia Tropical.** Na sessão de evolução do karst, nosso colega Heinz C. Köhler, da UFMG, apresentou comunicação sobre o karst do Rio Bonito, e Heloísa F. Filizola o fez na sessão sobre geomorfologia tropical. Esta sessão foi a única dedicada à geomorfologia dos trópicos, e foi presidida pelo Prof. Michael Thomas (Grã Bretanha) e a Profa. Hanna Bremer (Alemanha). Por iniciativa do Prof. Thomas, no final da sessão foi realizada uma reunião informal onde foram discutidos os problemas que todos enfrentamos na pesquisa das áreas tropicais, em especial a ausência de comunicação entre os pesquisadores e o decorrente desconhecimento sobre as pesquisas em andamento, as abordagens utilizadas e os resultados obtidos. A localização dominante no hemisfério sul cria entraves quase insuperáveis, em particular para a circulação de publicações e troca de informações. A sugestão de criar um grupo informal de geomorfólogos da zona tropical coordenado pelo Prof. Thomas foi bem recebida, bem como a provável reunião dos especialistas no tema em 1995, em Cingapura, em evento coordenado por A. Gupta.

Além disso, na discussão das abordagens atuais em geomorfologia tropical houve interessante troca de idéias com Hanna Bremer, que mostrou-se de acordo com nossa hipótese de evolução da paisagem no leste do Estado de São Paulo. Foi bom saber que o trabalho em que nos empenhamos desde há mais de 20 anos caminha na direção certa e que as interpretações adequadas para as paisagens tropicais brasileiras devem ser coerentes com as propostas baseadas nos dados do mundo tropical, e não com construções obsoletas baseadas nas glaciações do Hemisfério Norte. O aspecto mais negativo da pesquisa geomorfológica no Brasil talvez não seja a incomunicação com o resto do mundo tropical, mas a sistemática negativa de alguns especialistas de enxergar os fatos geomorfológicos e pedológicos tal como se apresentam, e de aceitar as reconstruções paleoambientais recentes para o Cenozóico global.